

“O olhar duplo e a função da escrita em *Memórias de um sobrevivente*, de Luiz Alberto Mendes”

Maria Rita Sigaud Soares Palmeira

Doutoranda em Literatura Brasileira (FFLCH/USP)

Quando Luiz Alberto Mendes publicou seu primeiro livro, *Memórias de um sobrevivente*, pela prestigiosa editora Companhia das Letras, em 2001, começavam a surgir, na esteira do sucesso do *best-seller* de Drauzio Varella *Estação Carandiru*, vários livros escritos por homens encarcerados, em franca maioria, oriundos das prisões paulistas. Naquele mesmo ano, Jocenir, cujos versos Mano Brown, dos Racionais MCs, transformara em rap dos mais conhecidos no país, publicava seu *Diário de um detento: o livro*. Um ano depois, Humberto Rodrigues lançava seu *Vidas do Carandiru: histórias reais* e André du Rap, em livro coordenado pelo jornalista Bruno Zeni, contava sua experiência no cárcere em *Sobrevivente André du Rap (do Massacre do Carandiru)*. Isso para mencionar apenas alguns volumes de uma relativamente extensa lista de livros egressos dos cárceres paulistas nos últimos anos.

Memórias de um sobrevivente, em suas quase 500 páginas, narra o que se mostraria ser a primeira parte das memórias de Mendes: ele as continuaria em *Às cegas*, também publicado pela Companhia das Letras, em 2005. De sua lavra, um ano antes, em 2004, havia saído *Tesão e Prazer: memórias eróticas de um prisioneiro*, pela Geração Editorial. Desde 2002, Luiz Alberto Mendes assina uma coluna na revista *Trip*.

Libertado em 2004, depois de cumprir mais de 30 anos de cadeia, Mendes se destaca do grupo de homens que se tornaram escritores na prisão pela maior repercussão de seus livros, por ter conseguido editar três de seus trabalhos, dois deles por uma das maiores editoras do país, por assinar colunas regulares em revista de boa circulação. Ao contrário de outros escritores provenientes do cárcere, que não conseguiram ir além do primeiro livro. Além disso, chama a atenção o fôlego dos livros de LAM. Juntos, *Memórias de um sobrevivente* e *Às cegas* somam mais de oitocentas páginas. Suas memórias eróticas contam mais de 200 páginas. Aliam-se à extensão de seus textos a destreza na escrita e o domínio narrativo.

Seu livro de 2001 é um volume de memórias de boa parte de sua vida, desde a tenra infância, no início dos anos 60, até meados da década de 70. Procurando relacionar sua história à do país, narra a amorosa relação com a mãe, o violento e ambíguo trato com o pai, o início da vida criminosa ainda garoto, as passagens pelo Recolhimento Provisório de Menores, os assaltos, as relações amorosas, as idas-e-vindas nas delegacias, convivendo com

a tortura – “uma instituição no Brasil”, em suas palavras – nos terríveis anos 70, com a corrupção de policiais, com a crueldade dos próprios presos. Condenado a quase 100 anos de prisão, vai do desespero em se ver “enterrado” tão jovem (tinha 19 anos) ao alento da descoberta dos livros, da escrita, do aprendizado, como ele gosta de frisar.

Em minha pesquisa, tenho procurado investigar como essas narrativas do cárcere, das quais LAM é provavelmente o autor mais conhecido, são construídas. Para isso, parto de uma curiosidade inicial que é a relação que esses autores entretêm com a escrita e a conseqüente escolha do livro como meio de expressão, dado que as prisões do país, retratos da iníqua e desigual sociedade brasileira, comportam homens em sua maioria pouco letrados, quando não analfabetos. Esse seria, portanto, um primeiro ponto a destacar em minha fala. Para comentá-lo, discutirei alguns trechos dos capítulos finais e do “Epílogo” de *Memórias de um sobrevivente*.

Quase como um desdobramento dessa curiosidade inicial, um segundo ponto diz respeito ao que, em comunicação apresentada no Congresso do último ano, quando tratei de *Diário de um detento*, de Jocenir, pode ser visto como “olhar duplo” por parte do narrador. O olhar duplo seria, de maneira um tanto apressada, uma adesão ambivalente aos códigos carcerários e ao dos homens livres, que percebi na obra de Jocenir. Na ocasião, procurei mostrar como a escolha vocabular e a estrutura sintática ora revelavam uma incorporação do ethos prisional, ora mostravam-se mais próximas ao que se compreende como pertencente ao mundo dos homens livres. Essa ambigüidade narrativa constituiria, segundo minha hipótese de trabalho, a particularidade do livro de Jocenir e – aí residia a minha aposta – das narrativas do cárcere recentes de modo geral. Entrelaçando essa preocupação à anterior, qual seja, a da escolha do livro como meio privilegiado de expressão, procurei mostrar como ela obedecia a uma mesma “lógica”: o livro, como objeto de um universo letrado, pertenceria ao mundo dos “homens livres”, mas a apropriação que Jocenir fazia dele transformava-o em objeto igualmente pertencente ao cárcere, dotando-o de particularidades que expressavam essa ambivalência formal.

Gostaria então de propor aqui uma reflexão sobre esses dois pontos – a função da escrita e o olhar duplo – no primeiro livro de LAM: *Memórias de um sobrevivente*.

II.

Apenas nas páginas finais LAM irá tratar de sua aproximação com os livros, da transformação que provocaram, dos interesses a partir dali despertados. Por nove meses

encerrado em uma cela-forte, regime em que o prisioneiro fica sem ver a luz do dia, privado de qualquer contato com os outros presos, bem como de quaisquer objetos, mesmo os mais indispensáveis como roupa, colchão, algo para se cobrir, descobriu que a situação de incomunicabilidade geral era usualmente driblada pelos companheiros com um sistema de conversas pelo encanamento das privadas. Em uma dessas conversas, sempre à noite, quando os guardas não poderiam surpreendê-los, conhece Henrique, que viria a ser o responsável por seu gosto pela leitura:

Trecho 1: “Henrique tinha o rosto parecido com os dos antigos patrícios romanos. Estava preso havia cinco anos e tinha muitos outros pela frente. Era assaltante de bancos e estava com quatro latrocínios. Fora um dos maiores assaltantes de São Paulo e era muito respeitado por isso. Era uma pessoa boa, extremamente generosa e despojada. Meu maior e melhor amigo de toda a minha vida. O cara parecia aqueles nobres cavaleiros da Idade Média, estava sempre a tomar o partido dos mais fracos e humildes. Estava na cela-forte porque tentava ajudar o Claudinho, seu amigo de infância, a resolver uma questão que nada tinha a ver consigo [*ambos haviam tentado matar um outro preso, Jorginho*].”

Nota-se, logo de início, o emprego de uma construção peculiar – “estava com quatro latrocínios” – para sinalizar que o amigo havia sido sentenciado por quatro desses crimes. LAM lança mão de linguagem prisional e também do ethos próprio àquele ambiente quando afirma que “era muito respeitado por isso” – em que “isso” se refere a ser um dos maiores assaltantes de SP. Essa é ainda a esfera de valores em jogo – a do verdadeiro bandido. Em seguida, desfia as qualidades de Henrique: bom, extremamente generoso e despojado. Aqui, podem vigor os valores do mundo dos homens livres, mas, a depender das circunstâncias, também seriam essas qualidades para um homem preso. “Tomar o partido dos mais fracos e humildes” aparece também em chave positiva, se sob o ângulo dos homens livres, e não necessariamente do da prisão. Ainda que a humildade seja uma qualidade bem-vista pelos presos, LAM não a exalta em seu livro, como fazem os outros escritores egressos do cárcere.

Em seguida, Mendes comenta a razão de Henrique estar na cela-forte: havia tentado matar um outro preso – o que é (ou ao menos deveria ser) inadmissível segundo a conduta dos homens livres, mas absolutamente pertinente, a depender das razões, e aqui elas não são reveladas, do preso perseguidor. Nesse trecho, alguns detalhes são igualmente reveladores. Ele diz que Henrique “estava na cela-forte porque tentava ajudar o Claudinho, seu amigo de

infância, a resolver uma questão que nada tinha a ver consigo”. A razão para a cela-forte era, portanto, ter ajudado alguém (ele é solidário e amigo, o que é positivamente visto não importa sob qual ângulo), seu amigo de infância Claudinho (os laços afetivos são amplamente valorizados, como costumam ser também fora da prisão, inclusive sobrepondo-se muitas vezes às leis do Estado) a resolver uma questão (aqui ela não é nomeada. Ele havia feito menção ao crime no parágrafo anterior, antes de iniciar sua descrição afetiva de Henrique. Essa não nomeação é em si reveladora da incorporação do etos prisional, em que há coisas sobre as quais se pode falar, outras não são mencionáveis e pertencem definitivamente ao ambiente da cadeia – veremos um trecho adiante em que isso fica igualmente claro). Questão essa que “nada tinha a ver consigo” – daí seu desprendimento, sua generosidade, configurados como valores positivos. Mas, se vista em chave invertida, ou seja, quando se sabe que ajudar alguém significa matar outra pessoa, não há positividade possível no mundo dos homens livres, e LAM parece aderir ao etos prisional.

Ainda um pedacinho do trecho seguinte:

Trecho 2: “O novo amigo falava em livros, contava-me romances que lera, falava em poesia, filosofia, um monte de coisas novas para mim. Foi a primeira pessoa no mundo, fora minha mãe, em quem depusitei minha confiança total e irrestrita.

As histórias dos livros que contava eram extremamente fascinantes e belas. Ensinou-me a valorizar livros, a querer conhecê-los todos. Agora ansiava sair do castigo para começar a ler aquelas histórias de que ele falava. Era poeta, e eu também quis ser poeta. Prometeu ensinar-me” (p. 438)

A descoberta dos livros – ou ainda nesse momento o imenso desejo de lê-los – funciona, segundo conta, como motor para se manter são em situação de extrema violência como a da cela-forte. O grau de fratria que atribui a sua relação com Henrique é tal que o admite como, à exceção da mãe (personagem central nesse livro), o único em quem depositou sua confiança. Note-se que a relação se estabelece no ambiente prisional, àquela época ainda mais violento do que nos dias de hoje e sobretudo menos regulado pelos próprios presos, e no qual cada detento deveria estar sempre alerta para não ser surpreendido por um desafeto. Portanto, a relação de extrema confiança se dá em ambiente de desconfiança geral. Henrique o ensina a valorizar livros e a querer conhecê-los – o que, inequivocamente, parece pertencer à racionalidade dos homens livres, que prezam a

ilustração e a instrução como formas de escapar à destruição e à violência. Aqui a ambigüidade se mostra com toda intensidade quando consideramos que ambos – LAM e Henrique – estavam submetidos ao cruel e irracional castigo da cela-forte por terem matado (LAM) ou tentado matar (Henrique) outros presos, obedecendo à lógica do cárcere e sendo, por isso mesmo, absolvidos pelos companheiros. LAM estava agindo corretamente (sob a ótica dos outros presos) ao matar Toninho Magrelo, que queria estuprá-lo e fazer dele “mulher de cadeia”; assim como Henrique e Claudinho provavelmente (sobretudo se pensarmos no prestígio de que gozava Henrique) veriam sua ação ser aprovada se tivessem tido êxito na morte de Jorginho. O livro, portanto, pode ser a salvação (e o fato de que ele atribua a mesma confiança à mãe e ao amigo que o insere no mundo dos livros não pode ser desprezado), mas a dignidade dentro do ambiente não tem relação com esse objeto. Para salvar-se, é preciso agir em conformidade com os valores ali expressos. O livro, desta maneira e nesse contexto, aparece como dispensável e pouco familiar.

Uma passagem que expõe essa dupla adesão de LAM com bastante clareza é dedicado a Carlão. Sobre esse preso, lê-se o seguinte:

“Havíamos chegado [*à Penitenciária do Estado*] em má época. A leva que viera [*da casa de Detenção*] antes de nós havia aprontado coisas jamais vistas na Penitenciária. O Carlão e o Jamil, atizados por alguns presos mais velhos que dominavam a política da cadeia, haviam dado uma rupa ali recente. Saíram, cada um com uma faca na mão, matando e esfaqueando aqueles do pavilhão indicados como cagüetes e informantes. Mataram três e feriram uma meia dúzia.

Jamais ocorrera algo assim na Penitenciária. Fora chocante para o diretor, para os guardas e até para os presos” (p. 427)

Quando LAM é levado à cela-forte, Carlão é extremante solidário a ele, que, nu, passando frio, não conseguia dormir e temia enlouquecer. Condenado a cinco anos naquele regime, conhecedor dos seus meandros, Carlão o ajuda a comunicar-se pelo encanamento e a obter objetos que minimizassem o seu sofrimento. No oitavo dia, LAM, já completamente debilitado pelo frio (o castigo consistia em deixar o preso nu os primeiros dez dias de cela-forte), consegue um colchão, mantas e roupas. Ao narrar esse momento, comenta:

“Estava feliz: o frio já era! Carlão poderia dormir tranquilo, pouco dormira desde que eu chegara ali. Devo-lhe um favor de valor inestimável, impagável. Muitas vezes me acalmou, me ouviu. Em todos

os momentos que o procurei, encontrei-o sempre disposto a me ouvir e apaziguar. Pode ter matado vários (e matou mesmo), mas para mim foi sempre um grande companheiro.”

A última sentença é bastante iluminadora: “pode ter matado vários” (admite a infração ao código dos homens livres), enfatiza esse reconhecimento com o que vem entre parênteses – “e matou mesmo” –, para em seguida defendê-lo e defender-se: “para mim foi sempre um grande companheiro”. Note-se o uso da conjunção adversativa “mas” reforçando o conhecimento do código dos homens livres, indicando implicitamente que aquele era um comportamento condenável.

Sua adesão ambivalente aos dois códigos aparece ainda em outro episódio envolvendo Carlão, em trecho narrado logo após o leitor ter sido apresentado a Henrique e ao interesse então manifesto pela leitura:

“Quinta-feira era dia de fazer barba, cabelo e tomar banho. Os guardas do Choque abriam as celas, passávamos pelo barbeiro, que raspava nossa cabeça e cara, e entrávamos numa ducha. Numa dessas quintas, que eram como dias de festa para nós, uma vez que saíamos da cela, tomávamos um ar e nos víamos, o Choque nos soltou, e fomos para a ducha. Fiquei no último boxe, como era meu costume, o Carlão ficava em frente. Preso é assim mesmo: cada um estabelece um canto e se acostuma a fazer uso sempre desse mesmo local. Acaba por se sentir proprietário de seus espaços preferidos, e é, de certo modo, respeitado nisso. Cada um estabelece seu território.

Tomava banho quando vi Carlão apanhar uma faca colocada na parte de baixo do boxe dele. Já fiquei em suspense. Enxagüei o corpo rapidamente, enxuguei-me e já fui saindo. Sabia quem ele iria pegar. Não queria assistir. A gente nunca sabe o que pode acontecer em casos assim. Não é bom ficar perto, no mínimo, podemos ser envolvidos como testemunhas, e testemunha não é bem-vista na prisão” (pp. 438-439).

Aqui, Mendes revela saber quem seria a vítima de Carlão (“Sabia quem ele iria pegar”), mas, por uma adesão ao código do cárcere, não o diz – como a sinalizar mais uma vez que há coisas que não devem “sair da cadeia” (traço bastante presente nas narrativas das prisões recentes de modo geral). Explica, em seguida, a sua pressa, revelando ao leitor externo por que não seria bom testemunhar aquela cena. Nesse ponto, mostra como havia introjetado a lógica prisional, embora não a naturalize no momento em que escreve a cena, já

que acredita que precisa justificar sua atitude ao leitor que não compartilha os mesmos códigos.

Assim, LAM mostra-se imbuído de ambas as condutas – e isso se mostra o tempo todo em sua narrativa.

Depois de nove meses de cela-forte, LAM vai para o regime de observação – entenda-se por isso estar em uma cela agora com janelas, sem direito a sair para o pátio, mas podendo conversar com outros presos. Ele faz, então, algumas considerações sobre a experiência:

“A cela-forte era uma relação muito estreita com a morte. Muitos se suicidaram ali. (...) Há momentos na vida de um preso em que ele não acredita que exista nada além da prisão. Mesmo vendo a rua pela janela, aquilo parece mais um quadro apenas. Rua é ficção, ilusão.” (pp. 442-443)

Comentários como esse são feitos com frequência ao longo do livro de LAM, que parece contar com a ignorância do leitor quanto àquele ambiente, àquela experiência traumática. Daí a necessidade de reforçar o que não pode ser compreendido. No caso específico de LAM, esse traço ganha ainda maior relevo porque sua relação com o mundo exterior, supostamente mais letrado, se quer mais efetiva. Almeja – e tem – o estatuto de autor (é de longe o mais conhecido entre os escritores egressos da prisão), conhecedor do cânone literário, como faz questão de ressaltar ao nomear os muitos autores lidos na prisão, mas indelevelmente ligado à experiência prisional, o que o atrela parcialmente a códigos normalmente diversos dos do mundo letrado.

III.

O interesse pela leitura e pela escrita, esboçado nas conversas com Henrique na cela-forte, ganha contorno mais visível ao sair de lá. A primeira missão de que se incumbem é escrever, com o auxílio do novo amigo, uma carta à mãe, que não via havia dois anos.

No dia seguinte, recebe de Henrique “uma pilha de livros, cadernos com poesias e textos dele, papéis, canetas, a carta-rascunho para minha mãe e uma carta dele mesmo”. É quando toma contato com a materialidade da escrita, o que acaba por determinar uma inflexão em sua trajetória. Seu esforço passa a ser conseguir novos e mais livros e, para isso,

recorre ao auxílio de companheiros que não liam, mas que poderiam solicitar volumes ao bibliotecário da prisão (ele ainda estava em castigo, no regime de observação).

Retoma os estudos, começa a trocar correspondência a partir do contato com um sujeito que dirigia o “Círculo dos Missivistas Amigos”, e lê. Aos poucos, a escrita e a leitura passam a ocupar enorme espaço na vida de LAM, que faz o elogio da ilustração:

Trecho 3: “O crime, a malandragem, a idéia que perseguira desde a infância, de ser bandido, malandro, foram se afastando do meu foco de visão. Agora aquilo era muito pouco para mim, diante dos horizontes que divisava. A cultura, o aprendizado, levavam-me a fazer uma releitura do mundo. Havia um lado melhor, e eu queria pertencer a ele. Claro, a cultura do crime que assimilara desde a adolescência ainda era, de certa forma, dominante em mim, mesmo que então não conseguisse perceber. Estava no meu sangue, nos meus ossos, demoraria a vida toda para conseguir um certo equilíbrio com a cultura social.” (p. 469)

Nesse trecho, LAM revela-se constitutivamente ambivalente: reconhece-se transformado pela experiência da leitura e do conhecimento livresco, mas sabe que nem por isso deixa de trazer a dolorosa vivência, que se liga à “cultura do crime”. Assim, admite-se um conjunto de fragmentos de duas experiências aparentemente opostas e consegue trazer essa dualidade para sua escrita.

O “Epílogo” de *Memórias de um sobrevivente* foi escrito pouco antes de sua publicação. Havia ali, entre a redação do livro e a daquela palavra final, um intervalo de quase 10 anos e, em relação aos eventos narrados, 20 anos. Escrito em 2000, funciona como uma apresentação do autor na, como ele próprio diz, “virada do milênio”: “Estou preso, como sempre” – é a frase que abre o “Epílogo”.

Trecho 4: “Somo agora quarenta e sete anos de idade, cumprindo vinte e sete anos de prisão. Consegui escapar duas vezes e fui recapturado em ambas, poucos meses ou dias após as fugas. Nos últimos vinte e sete anos, não consegui ficar nem cem dias solto, com fugas e tudo. (...) Continuo condenado a um montão de anos de prisão, sem perspectivas de quando vou sair, como sempre.” (p. 470)

Chama a atenção nesse trecho a recorrência da menção ao tempo de prisão e do emprego da expressão “como sempre”. Essa construção contribui para o sentido de

gravidade desejado: a de um homem encarcerado a maior parte da sua vida. Conta então que chegou a cursar um ano de direito na PUC, que passou dois anos em regime semi-aberto, que casou, que tem dois filhos. Revela que perdera os pais havia pouco e que a sua intenção era “escrever sempre e para sempre”. Curiosamente, a mesma expressão que usa de modo redentor (a escrita é um alento) é empregada de modo a sinalizar o tormento de se ver encerrado numa prisão por toda a vida.

Trecho 5: “A intenção do livro não foi a de ter uma mensagem. Não tenho essa pretensão. Apenas escrevi para ter uma seqüência que permitisse que eu mesmo entendesse o que havia acontecido realmente. Pois, afora poucos momentos em que estive no comando de minha existência, a maior parte da minha vida transcorreu em uma roda-viva, descontrolada e descontínua. Eu queria ordenar momentos e acontecimentos, ações e reações, para ver se entendia um pouco dessa balbúrdia que foi a minha vida.” (p. 476)

A explicitação de que não há de sua parte uma tentativa de conferir a seu livro um caráter exemplar, não comportando mensagens ou grandes explicações, também se mostra constitutiva da estrutura narrativa. Ao contrário da maior parte dos volumes escritos por homens que se tornaram escritores na prisão, LAM se recusa a explicitar possíveis lições de sua trajetória. Em suas próprias palavras: “Sou de opinião que os fatos, a vida, falam por si mesmos e não carecem de explicações, e sim, tão-somente de narração acurada. As conclusões e ilações, sem dúvida, são pessoais”.

Ao contrário do que se vê nos outros volumes, Mendes não se dirige a seus pares de prisão. Não haveria aí – como se percebe no livro de Jocenir ou no de André du Rap – um alerta dirigido a meninos-leitores dos bairros periféricos. Mendes dirige-se a um outro público, um que seja capaz de inseri-lo de vez, capaz de alçá-lo à categoria de escritor. Ele depende desse reconhecimento, como deixa claro, ainda no “Epílogo” quando diz que “Para ele [*o escritor Fernando Bonassi, responsável pela publicação de seu livro*], eu já sou escritor. Eu ainda espero a publicação deste livro para me considerar como tal” (p. 474). A sua trajetória absolutamente peculiar deve ser, segundo seu desejo, entendida assim: é a partir dessa singularidade que ele se transforma em escritor. Leitor de Dostoiévski, Henry James e Hegel, é como exceção que deseja ser visto. Por isso, provavelmente, seu livro não tenha fotografias dos companheiros, não tenha glossário, não seja dedicado aos aliados, mas tenha epígrafe de

Sartre e Brecht. Enquanto para André e Jocenir o livro precisa ser devidamente apropriado para dar conta de suas histórias, para que seja de fato um meio de expressão, LAM, que passou vinte anos debruçado em livros, não precisa disso para manejá-lo – trata-se de um objeto que já lhe é próximo.

Persiste, como procurei mostrar, a adesão ambivalente, que ora age em conformidade com o etos da prisão, ora com o mundo exterior (aquele que, da cadeia, lhe parecia uma ficção). Como diz no “Epílogo”: “Há também o fato de que, boa ou ruim, esta é a minha história. Quer dizer: sou o que resulta daí”, leia-se: é, como já anunciado, um escritor, mas um escritor que passou a vida na prisão, sendo torturado, surrado, humilhado, e que compartilhou os códigos do crime e do cárcere.

Resulta daí uma sofisticação narrativa própria. A começar pela ausência de autocomplacência quando afirma, por exemplo, que “aos dez anos já era um ladrãozinho bastante bem-sucedido e oportunista”. A esse respeito, acho especialmente iluminadora a passagem inicial do livro: “Dona Eida, minha mãe, dizia que até os seis anos eu era um santo. Meu pai, seu Luiz, dizia que eu era um débil mental” (p. 13). Está dado aqui o mote da relação familiar: uma afeição a toda prova com a mãe e um trato violento e ambíguo com o pai. Mas LAM se desnuda: o pai o via como um incapaz e, durante toda a narrativa, demonstra que sua necessidade de afeto era tamanha que chega a ter rápida simpatia pelo mesmo policial que dias antes o torturara brutalmente simplesmente por naquele momento estar lhe dando atenção e lhe pagando um café e um pão com manteiga (aliás, diga-se de passagem, a relação com o pai funcionava da mesma maneira: surras e afagos, do ódio ao amor profundo). Do mesmo modo, é capaz de se mostrar medroso, covarde, fraco, deslumbrado, construindo para si características de personagem complexo, mas também uma imagem de alguém cuja redenção foi possível pelos livros.

LAM e seus livros constituem desafio ainda maior à análise dessa nova literatura do cárcere, e em boa medida isso se deve às suas condições de autor. A ambivalência que é possível perceber em *Memórias de um sobrevivente* é, certamente, como ele próprio admite, fruto da sua dupla experiência na vida criminosa, encarcerada (por um lado) e na vida letrada (por outro). Mas, para além disso, a imagem que forma de si é um ponto que mereceria análise mais acurada: ao tomar contato com os livros e com as gentes que os circundam, LAM parece querer pertencer em definitivo a esse ambiente, ainda que não possa negar a sua história, bastante diversa da de seus pares-autores. O modo como constrói seu texto, em

muitos aspectos, o afasta das configurações narrativas dos demais livros do cárcere e contribui para singularizá-lo dentro de um grupo de escritores, embora, paradoxalmente, a sua matéria narrativa venha justamente daquele ambiente partilhado coletivamente.